

Lição 1: A intenção de Aristóteles neste Livro.

Enumeração do que foi tratado anteriormente nos Livros precedentes e do que ainda será tratado nos Livros seguintes.

1. Assim como nas coisas naturais nada é perfeito enquanto está em potência, mas é absolutamente perfeito apenas quando está em ato último, e, quando está entre a potência pura e o ato puro, é perfeito em sentido qualificado, mas não absolutamente, o mesmo ocorre com a ciência. Ora, a ciência que alguém possui de uma coisa apenas de modo universal não é ciência completa segundo o ato último, mas está entre a potência pura e o ato último. Pois aquele que conhece algo de modo universal conhece realmente algo em ato das coisas que estão incluídas em sua noção própria; mas quem conhece assim de modo universal conhece as outras coisas não em ato, mas apenas em potência. Por exemplo, quem conhece o homem apenas enquanto animal conhece em ato apenas uma parte da definição de homem, a saber, o gênero; mas as diferenças constitutivas da espécie ele ainda não conhece em ato, mas apenas potencialmente. Consequentemente, é evidente que a completude da ciência exige que não se pare no que é comum, mas que se avance até as espécies (os indivíduos não caem sob a consideração da arte, pois deles não há entendimento intelectual, mas conhecimento sensível).

2. Por essa razão, visto que Aristóteles, no Livro *Sobre a Geração*, determinou acerca da transmutação dos elementos em comum, era necessário, para a completude da ciência natural, determinar acerca das espécies de transmutações que afetam os elementos. E ele determina sobre estas neste Livro, intitulado *Meteorologia*.

Sua intenção, portanto, neste Livro é determinar acerca das transmutações que ocorrem com respeito aos elementos, segundo suas várias espécies. E para indicar sua intenção, ele apresenta uma introdução, na qual faz três coisas:

Primeiro, enumera as coisas já tratadas nos LivroS de ciência natural que precedem este Livro, em 3; Segundo, mostra o que será tratado neste Livro, em 4; Terceiro, mostra o que resta a ser discutido nos LivroS seguintes, em 9.

3. Três LivroS precedem o presente, segundo a ordem, na ciência natural. Por isso ele faz três coisas [1].

Primeiro, ele expõe o que foi tratado no Livro da *Física*. Quanto aos dois primeiros LivroS, trata-se das causas da natureza. A isso ele alude, concluindo a partir do que foi determinado nos LivroS precedentes [à Meteorologia], quando diz: "Já falamos sobre as primeiras causas da natureza", significando por "primeiras causas da natureza" os primeiros princípios, que são matéria, forma e privação, bem como os quatro gêneros de causas, a saber, matéria, forma, agente e fim. Nos LivroS subsequentes da *Física*, a discussão é sobre o movimento em geral; por isso ele acrescenta: "e de todo movimento natural".

O segundo Livro da ciência natural é o Livro *Sobre os Céus*, na primeira parte do qual, isto é, em seus dois primeiros LivroS, a discussão é sobre o céu e os astros, que são movidos com movimento circular. A isso ele alude quando diz: "Discutimos também o movimento superior dos astros bem ordenados", significando por "bem ordenados" muito belamente arranjados, e por "quanto ao seu movimento superior" o movimento circular pelo qual todos os corpos celestes são movidos. Na segunda parte desse Livro, isto é, no terceiro e quarto LivroS, ele determina acerca do número dos elementos e de seu movimento local. Aludindo a isso, diz: "e sobre os elementos corpóreos, discutimos seu número e natureza". Ele diz elementos "corpóreos" para distingui-los dos primeiros princípios, a saber, matéria e forma, que não são corpos, mas os elementos ou princípios dos corpos, enquanto fogo, água e terra são corpos e são os elementos de outros corpos.

O terceiro Livro da ciência natural é o Livro *Sobre a Geração*, no qual são tratadas a transmutação mútua dos elementos, no segundo Livro; e a geração e corrupção em comum, no primeiro Livro. A isso ele alude subsequentemente quando diz: "e das coisas que são mutuamente transmutáveis".

4. Em seguida [2] ele mostra o que será discutido no presente Livro. Sobre isso, faz duas coisas:

Primeiro, ele dá o nome usual para este corpo de doutrina, no item 4; Em segundo lugar, ele enumera as coisas contidas nesta doutrina, também no item 4.

Ele diz, portanto, primeiro que a parte restante "deste método", i.e., da ciência natural, que temos diante de nós, ainda precisa ser tratada. [O que agora deve ser considerado] é o que todos os filósofos antigos chamavam de "meteorologia" — de *meteoron*, que significa "no alto" ou "elevado", e de *logos*, que é uma "declaração" ou "explicação" — pois nela são consideradas as coisas geradas no alto, como estrelas cadentes, cometas, chuva, neve e assim por diante. Isso não significa que outras coisas, produzidas nas regiões inferiores, como relâmpagos, terremotos e afins, não serão discutidas; mas, porque as coisas geradas no alto são mais maravilhosas e mais desejadas, é a partir delas que toda esta doutrina recebe seu nome.

5. Em segundo lugar [3] ele enumera as coisas a serem consideradas nesta doutrina. Vê-se que estas são divididas em quatro grupos. Pois há algumas coisas que são produzidas na região mais alta, mais próxima do corpo celeste. Tais coisas são, nomeadamente, aquelas sobre as quais ainda resta considerar, coisas que acontecem de fato segundo a natureza, mas não uma natureza ordenada e, como alguns afirmavam, por acaso. Essa natureza mais irregular não é, no entanto, a natureza que pertence ao "primeiro elemento dos corpos", i.e., o corpo celeste, chamado "elemento", porque é uma parte de todo o universo corpóreo, embora não entre na composição dos corpos mistos, como fazem os elementos. A natureza segundo a qual essas coisas ocorrem é mais desordenada do que a natureza do corpo celeste, uma vez que as coisas no corpo celeste sempre se comportam da mesma maneira, enquanto nas transmutações que afetam os corpos inferiores ocorre muita variação. Foi por isso que alguns acreditaram que estas ocorriam, não por natureza, mas por acaso, deixando de considerar que é produzido pela natureza, não apenas aquilo que acontece sempre, mas também aquilo que acontece na maioria das vezes. Estas, digo eu, ocorrem na região mais próxima do "transporte dos astros", i.e., dos astros que são movidos circularmente. Isso ele estabelece para distingui-las das que se seguem. Como exemplo, ele menciona o "Leite", i.e., o círculo leitoso chamado "galáxia", e os astros chamados "cometas", e os "fantasmas", i.e., as aparições, ígneas e móveis, chamadas "estrelas cadentes" [meteoros].

6. Em segundo lugar [4], ele enumera as coisas que ocorrem sob as anteriores; a saber, todas as coisas que são postas como fenômenos comuns ao ar e à água — pois são produzidas a partir de matéria aquosa na região do ar, quando os vapores se transformam em água.

7. Em terceiro lugar [5], ele enumera o que ocorre na região mais baixa e diz: "Devemos também falar sobre as partes da terra", tais como leste, oeste, norte, sul, "e sobre seus tipos", por exemplo, que alguma terra é quente e arenosa, e outra fria e compacta, "e sobre as propriedades das partes" da terra, por exemplo, que algumas são sulfurosas, algumas pedregosas ou de alguma forma fragmentadas. "A partir deste conhecimento" da terra "consideraremos todas as causas dos 'espíritos'", i.e., ventos, que diferem segundo a diferença da terra. Igualmente, "dos terremotos", cujas causas são atribuídas ao tipo diferente de terra, "e de todas as coisas que ocorrem segundo os movimentos destes", i.e., dos ventos e terremotos. Nessas matérias, não podemos explicar tudo perfeitamente e com certeza, mas deixaremos algumas coisas duvidosas, apresentando razões para ambos os lados; mas em outras, alcançaremos até certo ponto a verdade.

8. Em quarto lugar [6], ele enumera as coisas que descem do alto como resultado dos ventos. Ele diz, portanto, que também daremos conta da queda dos raios, e dos turbilhões (chamados "sifões") e das queimaduras que acompanham tais turbilhões, e de outros fenômenos circulares que ocorrem por congelamento e são propriedades daqueles corpos, a saber, os elementos. Ele diz isso porque os turbilhões são gerados a partir de matéria compactada posta em rotação, e muitas outras coisas semelhantes acontecem aos turbilhões como resultado da matéria compactada e posta em movimento circular. Ou isso pode se referir ao arco-íris e ao halo (i.e., a coroa que circunda o sol, a lua e as estrelas) que resultam dos raios que ricocheteiam em matéria espessa.

9. Então, no item [7], ele menciona o que resta ser tratado nos LIVROS seguintes e diz que, depois de terminarmos com essas matérias enumeradas acima, iremos, na medida de nossa capacidade, segundo o método empregado nos LIVROS anteriores (i.e., não meramente recitando as opiniões de outros, mas investigando as causas), especular sobre animais e plantas, tanto de modo universal quanto de acordo com as espécies individuais. E isso será quase o fim da ciência natural

que escolhemos discutir desde o início. Ele diz "quase", porque nem todas as coisas naturais podem ser conhecidas pelo homem.

Revision #3

Created 3 October 2026 23:10:38 by Admin

Updated 4 October 2026 18:55:19 by Admin